

Práticas Decoloniais: Aulas de História através das Plantas Tradicionais

Tatiana Rodrigues de Moura¹

RESUMO

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma metodologia de Ensino de História inspirada nos saberes e usos tradicionais de plantas usadas para benzer, em terreiros de religião de matriz africana, em chás e medicações fitoterápicas a fim de desenvolver um conteúdo disciplinar que atenda aos Componentes Curriculares do Ensino de História de Pernambuco, e às Habilidades da BNCC, junto aos debates de uma proposta pedagógica Decolonial. Através dos diálogos trazidos por Catherine Walsh. Nesse sentido busca efetivar princípios das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que determinam a obrigatoriedade da inclusão da História e Cultura dos povos Afrodescendentes e Indígenas no âmbito do currículo escolar. Partimos da crítica de que as perspectivas da colonialidade são reestabelecidas através das estruturas sociais e defendemos que é de fundamental importância que professores de História se mantenham atentos a esses debates para que possam desconstruir os padrões estruturais do racismo. Para efetivar esse compromisso, acreditamos que seja possível valer-se da proposta da Pedagogia Decolonial, utilizando plantas tradicionais para diversas formas, embora seja um conteúdo relacionado às áreas das ciências naturais, particularmente da biologia vegetal e da botânica. No entanto, podemos compreender que de uma forma ou de outra as plantas estão em nosso dia a dia, seja através dos conhecimentos que aprendemos com nossos antepassados, através de ritos religiosos, das benzedeiras, dos bons hábitos alimentares, da ornamentação, do autocuidado com as ervas, nas produções de chás, lambecedores, garrafadas e até mesmo através de medicações fitoterápicas e fabricada pela indústria farmacêutica, da qual as plantas são utilizadas e destinadas para usos comerciais, descharacterizando, desvalorizando todo conhecimento de nossos antepassados, adquirido através da relação de respeito, de cuidado, de observação e amor com a Natureza. Compreendendo que, essa relação, foi se perdendo pela construção do pensamento colonial, capitalista neoliberal. Diante disso, minha proposta é também apresentar as possibilidades interdisciplinares dos componentes afins, inserindo conceitos decoloniais, atrelado aos Saberes Ancestrais e as discussões de Catarine Walsh, entre outros autores. Propondo a decolonização do pensamento colonial do poder e do ser. Ela considera que o colonialismo violenta os corpos, os saberes e promove o racismo, entendendo que através do pensamento decolonial surgirá uma nova teoria crítica ou de mudança na sociedade, na construção de caminhos, de ser, estar, pensar, olhar, ouvir, sentir e viver com um outro sentido ou horizonte, que permite ir em busca de anseios na intenção de construir uma nova sociedade. E dessa maneira o pensamento e a pedagogia decolonial desabrocha, com a função de reeducar educandos, resgatando-os da sua condição de colonizado em suas capacidades cognitivas, conduzindo-os para um ser criador de sua história, onde ocupem espaços de poder. Por tanto, a maioria das crianças e dos jovens que estão fracassando na escola, são pobres, negros, índios, camponeses, moradores de regiões menos favorecidas. Segundo Paulo Freire, a educação não é neutra, ela é um processo em construção, onde constitui o educando junto a sua bagagem de conhecimentos. Nessa mesma perspectiva de discussão, Aníbal Quijano nos mostra, que o fim do período colonial não significou o fim do colonialismo, visto que seus traços persistiram até os dias de hoje. Sendo assim, usando como metodologia para ser aplicada no Ensino de História, os Saberes das Plantas Tradicionais, permite que possamos experimentar novas possibilidades de ensinar, como trazer para visibilidade os Saberes de povos que foram invisibilizados. São práticas metodológicas que pretendem mudar a ordem do poder colonial, estabelecer um aprendizado revolucionário, contra-hegemônico, de modo que venha resistir a toda estratégia do pensamento colonial e racista, é um fazer diferente, é acessar os educandos, através do diálogo, é conversar com eles, ouvi-los, saber de suas histórias, saber sobre seus pais, responsáveis, é

¹Mestra pelo programa do Profhistória da Universidade Federal Pernambuco/PE, responsável pelas formações Pedagógicas do IIIESE (Instituto Integrado de Educação, Saúde e Esporte), Especialista em Arquivos e Patrimônio Histórico Integrado, Especialista em História do Brasil. Pesquisadora do Abí Axé Egbé.

tatiana.rmoura@ufpe.br

conhecê-los (HOOKS, 2013). E nesse território, é possível sentir a pulsação de saberes vividos, saberes de experiência feitos, no dizer de Paulo Freire. Saberes de homens e mulheres simples, do povo, que carregam tradições que foram passadas de geração em geração, muitas vezes através da oralidade sem a devida importância da escola (LEITE, RAMALHO, CARVALHO 2019).

Palavras-chave: Saberes Tradicionais. Decolonialidade. Plantas Tradicionais. Ensino de História.